

## COMPLACENTE OU CONSCIENTE? PIO XII E A SEGUNDA GUERRA MUNDIAL.

Elza Silva Cardoso\*

**Resumo:** O presente ensaio apresenta a formação de Eugenio Pacelli, Papa Pio XII, e sua trajetória no Vaticano, que tem como principais características a diplomacia e o carisma. Ele buscou, em seus diversos momentos, a melhor maneira de se atingir a paz e a justiça entre os homens, principalmente durante o contexto da Segunda Guerra Mundial.

**Palavras-Chave:** Pio XII. Diplomacia católica. Guerra. Justiça. Paz.

“Opus justitiae pax”<sup>1</sup>

**Livro de Isaías**

Eugenio Maria Giuseppe Giovanni Pacelli nasceu em 2 de março de 1876 no distrito de Ponte, Roma. Descendia de uma família nobre. Seu pai, Filippo Pacelli, era advogado da Congregação da Sagrada Rota ou Tribunal Papal, um tribunal eclesiástico envolvido em questões de anulações de casamento, entre outras; seu avô, Marcantonio Pacelli, foi ministro das finanças dos Estados Papais ao tempo de Gregório XVI, bem como atuou como advogado da Sagrada Rota durante o pontificado de Pio IX, tornando-se um de seus principais colaboradores (CORNWELL, 2000, p.22). Sua mãe, Virginia Graziosi, também de família nobre do norte da Itália, fora uma mulher muito religiosa, católica praticante, passando esta religiosidade, dotada de grande espiritualidade, para os filhos. Sua família distinguia-se pelo longo tempo de serviços prestados à Corte Papal, em um tempo em que ser amigo do papa equivalia a ser inimigo do Rei.

Da família Pacelli, Eugenio fora o que melhor assimilara a cultura religiosa e a cristandade, entrando para o seminário do antigo *Colégio Capranica*, em Roma, em 1893. Essa decisão do jovem Eugenio de abraçar fervorosamente a vida religiosa não agradou seu pai Filippo, que desejava ver seu filho seguir a carreira de advogado — tal como seu irmão mais velho, Francesco Pacelli, que serviu à Corte Papal com seus préstimos de advogado, atuando junto ao Vaticano nas cláusulas do Tratado de Latrão,

---

\* Professora do Centro Universitário Claretiano de Batatais, na educação presencial e à distância. Mestranda na Unesp de Franca, vinculada ao Departamento de Pós-Graduação em História. [zazazinhaa@hotmail.com](mailto:zazazinhaa@hotmail.com).

<sup>1</sup> “A paz é obra da justiça”.

de 1929, entre outras atuações — ou de diplomata. Entretanto, Eugenio preferiu seguir sua vocação sacerdotal.

Desde a infância, destacou-se por ser um notável e disciplinado aluno, sobressaindo-se por sua inteligência e determinação — sempre foi o primeiro aluno de todas as escolas que frequentou. Destacava-se também por seu poder de argumentação, seu carisma e diplomacia, na ótica de quase todos seus biógrafos (Cf. MELLO, 1994 & LENN & REARDON, 1954). Diplomacia esta que era inerente à sua personalidade, pois, já na qualidade de papa, Eugenio Pacelli se destacaria por sua grande capacidade diplomática e por seu poder de negociação. Sua personalidade era forte e incisiva. Disciplinado, dedicava-se a longos períodos de meditação quando, segundo ele, se sentia mais próximo de Deus.

Adepto de esportes como equitação, natação, regata, preferia as caminhadas. Apreciava caminhar longos trechos sozinho, hábito que não abandonou durante toda sua vida e, durante suas caminhadas, fazia orações. A leitura era um de seus maiores prazeres, como aponta Mello (1994)).

a história — antiga e moderna — se torna uma de suas paixões e ele percorre as bibliotecas e casas de livros que satisfaçam sua curiosidade, trancando-se muitas vezes em seu quarto para leituras até altas horas da noite. Santo Agostinho é um de seus autores prediletos, mas foi ele também um dos primeiros italianos a ler Marx (MELLO, 1994, p.19).

Sua saúde era fraca e, juntamente com os sacrifícios corporais a que se submetia, longos períodos de jejum, ficava cada vez mais debilitada, o que lhe permitiu alguns privilégios: “*Seus superiores entendendo que a saúde de Eugenio está abalada por seus esforços excessivos nos estudos permitem que ele vá passar algum tempo em Orano — casa de férias de sua família — continuando o curso como aluno externo*” (MELLO, 1994, p.20).

Iniciou seus estudos em Teologia no *Collegio Romano*, em 1895, e no ano de 1898, já havia feito dois doutorados. Em 1902, adquiriu o título de Doutor em Direito Civil e Canônico, com a menção *summa cum laude*. Sua tese tratava da natureza das

concordatas<sup>2</sup> e da função do Direito Canônico quando uma concordata, por qualquer motivo, fica em suspenso (CORNWELL, 2000, p.45).

No Domingo de Páscoa de 1899, foi ordenado sacerdote em cerimônia especial, devido à sua saúde, sendo reconhecido desde então como Dom Pacelli. Foi sacerdote durante dois anos na igreja em que havia servido como coroinha na infância e, apesar de acalantar sempre a vontade de conduzir almas e dedicar-se ao apostolado, o suceder dos fatos, dentro das necessidades da instituição católica, o fez trilhar o caminho da política e da diplomacia, caminho que o conduziria até o Trono de Pedro.

Dom Pacelli teve uma rápida sucessão de cargos dentro do Vaticano, o que aconteceu invariavelmente ao longo de toda sua carreira. Seu espírito brilhante e a acolhedora personalidade conquistaram a aprovação de seus superiores, fazendo que suas promoções, no Departamento de Estado, se seguissem umas às outras, dinamicamente, como indicam suas biografias. Foi escolhido como representante diplomático para as negociações e eventos do Vaticano, nomeado professor de Direito Internacional e de Diplomacia Eclesiástica, na *Pontificia Accademia dei Nobili Ecclesiastici*, até ser nomeado Monsenhor, em 1904, pelo Papa Pio X, título conferido a um clérigo por mérito ou antiguidade de serviço, ou como categoria correspondente às tarefas confiadas aos seus cuidados. Neste mesmo ano, foi elevado a membro do Capítulo dos Canônicos da Basílica de São Pedro, tornando-se Cônego de São Pedro.

Foi encarregado de uma importante tarefa dentro do Vaticano, que cumpria conjuntamente com Monsenhor Gasparri: elaborar e redigir um código de Leis Canônicas — regras que governam a Igreja — e reunir o maior número de leis escritas desde a época de Cristo até sua publicação em 1917. Com a elaboração do Código de Leis Canônicas, Dom Pacelli obteve vasto conhecimento das leis que regiam a Igreja, o que contribuiu muito para sua atuação diplomática.

No mesmo ano em que se deu a publicação do Código de Leis Canônicas, Pacelli foi sagrado bispo e, imediatamente, nomeado arcebispo, em 13 de maio de 1917. Era também o terceiro ano da Primeira Guerra Mundial, e a Europa encontrava-se em meio à destruição causada pela guerra. Devido à necessidade, Pacelli foi elevado a

---

<sup>2</sup> Tratados especiais entre a Santa Sé e as Nações-Estados, monarquias ou impérios. Buscavam melhorar a forma de vida dos católicos nesses locais, segurar-lhes o direito a exercer sua religiosidade, sem serem perseguidos.

monsenhor, por causa da importância do cargo que ocupava (fato já mencionado), e nomeado para servir como núncio apostólico na Alemanha. Em 18 de maio de 1917, tornou-se o maior representante do Vaticano naquele Estado.

Ao chegar à Alemanha, foi recebido na Baviera, na cidade de Munique, que fazia parte do III Reich alemão, quando esse fosse constituído. Constituía em Estado dentro do Estado, pois possuía organização administrativa e legislativa própria e um governo junto ao qual um núncio apostólico havia sido sempre acreditado, pois este representava o único vínculo entre o Estado do Vaticano e toda Alemanha<sup>3</sup>. Em seu discurso inaugural, pregou sobre a justiça cristã como base da sociedade humana e defendeu a idéia de que somente uma justa paz constituiria o alicerce de um mundo futuro. Esse tema justiça e paz inserido no discurso Pacelli exaltou em todo seu caminho sacerdotal.

A Alemanha encontrada pelo núncio Eugenio Pacelli era um país destruído e miserável, pois a guerra estava praticamente perdida. Sua primeira missão diplomática foi encontrar-se com o Kaiser Guilherme II, encontro que se deu no dia 28 de junho de 1917, dez dias após a partida de Pacelli de Roma rumo à Alemanha. Pacelli levava consigo uma carta do pontífice Bento XV sobre as preocupações pelo prolongamento da guerra, a crescente ruína material e moral e sobre o suicídio da civilização européia. Após ouvir as deliberações contidas na carta do pontífice, o Kaiser respondeu-lhe que a Alemanha não *provocou* a guerra, tendo sido forçada a se defender, não concordando com as idéias do pontífice. Tendo falhado em sua missão com o Kaiser, Pacelli começou a pregar uma paz justa por todo o território alemão. Organizou muitas instituições de caridade para prestar socorro aos prisioneiros e aos sobreviventes da guerra, doando alimentos, roupas, medicamentos e cuidados.

Com o fim da Guerra, a Alemanha estava destruída e sua humilhação firmou-se nas cláusulas do Tratado de Versalhes. Sua população encontrava-se insegura e necessitada de uma nova forma de governo. Em 11 de agosto de 1919, estabeleceu-se uma nova Constituição em Weimar, uma pequena e antiga cidade na Turíngia que deu o nome à série de governos da Alemanha até a ascensão de Hitler ao poder. Por meio

---

<sup>3</sup> A Baviera era o único Estado do III Reich que possibilitava a entrada de um núncio católico, por ter o maior número de católicos na Alemanha e onde esses possuíam credibilidade e respeito por sua crença, estando livre de perseguições.

dessa Constituição, o Estado separou-se da Igreja. Mediante análise feita por Pacelli dos artigos nela contidos, estava aberto o caminho para aceitação do cânone fundamental conferido ao papa, o poder exclusivo de nomear novos bispos, pois de acordo com “o artigo 137 da nova Constituição parecia eliminar as prerrogativas do Estado nas questões eclesíásticas, ao declarar que as associações religiosas tratariam de seus assuntos sem o envolvimento do Estado ou da comunidade civil” (CORNWELL, 2000, p.101). Também foram reconhecidas as credenciais da Santa Sé pelo novo governo, possibilitando a transferência da nunciatura de Munique para Berlim. Dessa forma, o núncio encontrava-se agora dentro do Reich alemão.

Durante os doze anos em que permaneceu na Alemanha, Dom Pacelli não se amedrontou com os vários atentados que sofreu, como foi a invasão da nunciatura por rebeldes, em abril de 1919.

Há duas semanas, patrulhas de milicianos percorrem a rua da nunciatura, impedindo a saída do automóvel do núncio. Irmã Pascalina levanta barricadas nas janelas do prédio e pede ao padre Bea, confessor do núncio, que use sua autoridade para impedi-lo de sair à rua. A 29 de abril, decepcionados por não poderem atacar o núncio da rua, os rebeldes decidiram invadir a nunciatura. Um deles, de nome Pongratz, acompanhado de sete outros armados, arromba a porta do prédio e se dirige ao escritório de Pacelli. Irmã Pascalina, enquanto isso, ilude a vigilância dos que ficaram do lado de fora e se dirige à embaixada italiana, para pedir socorro ao capitão Luca. O militar encontra Pacelli pálido, de pé, segurando a cruz peitoral e com os olhos fixos em Pongratz, que aponta um revólver em seu peito. Calmamente, o núncio se volta para Luca e afirma: ‘Deixe, meu caro. Esses senhores têm fome. Irmã Pascalina vai lhes remeter provisões’. Dissuadido pela calma de sua vítima, Pongratz guarda seu revólver, escancara as janelas da nunciatura e, depois de pronunciar algumas injúrias, corre escada abaixo em direção à rua (MELLO, 1994, p.19).

Enquanto, na qualidade de núncio, Pacelli trabalhava com o propósito de melhorar as relações oficiais entre o Vaticano e a Alemanha, o pontífice Bento XV veio a falecer em 1922. Foi eleito para o pontificado o Cardeal Aquiles Ratti, prefeito da Biblioteca do Vaticano, que adotou o nome de Pio XI. Eugenio Pacelli permaneceu como núncio na Alemanha, pois, mesmo tendo um papa novo, a política da Igreja continuou sendo a mesma: “a de conduzir os homens, por meio de recursos espirituais, à relação justa e pacífica” (LENN & REARDON, 1954, p.27). Assim, as orientações de Pacelli na Alemanha continuaram as mesmas até 1929, ano da assinatura da Concordata com a Prússia — após longo período de negociação, por ser um Estado predominantemente não-católico — que buscou a melhoria das condições de vida dos

católicos prussianos e, principalmente, a respeito da educação católica nesse país, pois o governo alemão, com a nova Constituição, reservava para si amplos poderes sobre a educação, sendo que esta — a educação — era considerada a sementeira do catolicismo<sup>4</sup>. Logo após a assinatura dessa concordata, o novo Papa Pio XI chamou o seu embaixador na Alemanha para Roma. “*A missão do Núncio havia sido cumprida, e o pontífice ordenou-lhe que regressasse a Roma, para entregar-lhe novos cargos*” (LENN & REARDON, 1954, p.45).

Pouco tempo antes de retornar a Roma, entrou em vigor na Itália o Tratado de Latrão, assinado em 1º de fevereiro de 1929, entre o cardeal Gasparri, Secretário Papal de Estado — representante do Vaticano — e Benito Mussolini, Primeiro Ministro da Itália, liquidando questões que existiam entre o Estado do Vaticano e o governo italiano, problemas que se arrastavam desde a tomada da cidade de Roma em 1870, durante a Reunificação Italiana, quando Pio IX se aprisionou no Vaticano, tendo a mesma sorte seus sucessores, até Pio XI. Com este Tratado,

foi confirmada a absoluta soberania papal sobre os 110 acres que formam a cidade do Vaticano, e o Estado italiano adotou o catolicismo como religião oficial. A soberania papal se estendia também a Castelgandolfo e várias igrejas e edifícios romanos. O novo Estado teria todas as prerrogativas de soberania: poderes legislativo, executivo e judiciário; bandeira, polícia e moedas próprias; faculdade de imprimir selos; telégrafo e até uma pequena ferrovia (MELLO, 1994, p.34).

Retornando a Roma, o arcebispo Pacelli foi elevado a Cardeal e Príncipe da Igreja, em 16 de dezembro de 1929, tornando-se titular da Igreja de São João e Paulo, *San Giovanni e Paolo*, permanecendo cardeal-sacerdote até ser eleito papa. Em fevereiro de 1930, foi chamado pelo Papa Pio XI para ser Secretário Papal de Estado, titular máximo no Departamento de Estado do Vaticano, posto antes ocupado pelo Cardeal Gasparri, que, após a conclusão do Tratado de Latrão, se aposentou. Também naquele mesmo mês, faleceu o Cardeal Merry Del Val e Pacelli tornou-se Arcipreste de São Pedro, o que significou que ele passou a ser o principal assistente do Papa em todas as funções realizadas na basílica.

Seguiram-se anos de atividades cada vez mais intensas para o Cardeal-Secretário Pacelli na Secretaria de Estado do Vaticano e fora do Vaticano. A situação tanto da Itália, com a expansão do fascismo, como da Alemanha, com a rápida expansão das idéias nazistas, preocupava o Secretário, pois colocava em perigo a segurança do mundo, como de fato aconteceu.

---

<sup>4</sup> A educação era a melhor forma de preparar as mentes para que estas assimilassem os costumes, as regras ou o governo novo que pretendia se instaurar. Dessa forma, era a melhor maneira de semear as idéias, sendo uma importante “aliada”.

Como o quadro político na Alemanha se tornava cada vez mais delicado, Pacelli, como era vontade do papa Pio XI, redigiu uma concordata para assegurar os direitos e a proteção aos católicos alemães. Com a ascensão do líder nazista ao poder, em 1933 na Alemanha, as negociações para conclusão da concordata foram ameaçadas, sendo preciso apressá-las. Conhecida como Concordata com a Alemanha, as discussões foram conduzidas pelo próprio Pacelli, que se preocupou em apressar sua assinatura, antes que o novo chanceler nomeado, Hitler, estagnasse a negociação. Mesmo sabendo que dificilmente iria ser cumprida esta concordata, pois os alemães já não estavam cumprindo o Tratado de Versalhes, imposto no fim da Primeira Guerra Mundial, Pacelli obteve a assinatura desta, em 19 de julho de 1933, por Von Paper, vice-chanceler alemão. O secretário de Estado exigiu que o documento fosse aprovado e reconhecido pelo Gabinete alemão para ser aceito pelo Vaticano. As experiências obtidas por Pacelli em concordatas ofereceram-lhe, na maior parte das vezes, bons resultados: como na Lituânia, em 1917, na Letônia, em 1919, na Baviera, em 1922, na Prússia, em 1929; no *modus vivendi* com a Checoslováquia; nas convenções diplomáticas com Portugal, em 1928, Itália, em 1929, Prússia, em 1932, Romênia e País de Bade, em 1933.

Do mesmo modo que Mussolini antes do Tratado de Latrão, Hitler ainda não se havia insurgido contra a Igreja, para não perder o apoio que lhe dava o Partido Centrista Católico. Entretanto, as esperanças de que os tratados — efetuados com governos totalitários — fossem cumpridos eram poucas, pois, apenas três meses após assinatura do Tratado de Latrão, Mussolini já reivindicava para o Estado a educação da juventude italiana para que as crianças fossem preparadas para vestir a camisa preta da fascismo. Como já mencionado, a educação da juventude sempre foi considerada pela Igreja um direito divino, em decorrência de sua tríplice missão: ensinar, santificar e governar espiritualmente os indivíduos e a sociedade (FERNESOLE, 1963, p.41). Mussolini também mandou fechar as organizações da Ação Católica e as associações católicas sofreram violências e agressões em decorrência dessas perseguições. Pio XI redigiu duas encíclicas: *Divini Illius Magistri*, em agosto de 1929, em que condenava a militarização das escolas italianas, e a *Non Abbiamo Bisogno*, em junho de 1930, em defesa da Ação Católica italiana e contra as pretensões totalitárias do fascismo.

Devido a uma manobra diplomática do Cardeal Pacelli junto aos Estados Unidos, que tinham negócios com a Itália, em conjunto com “*uma discreta pressão de vinte milhões de católicos, convenceu o representante do governo de Washington a comunicar aos negociadores italianos que a opinião pública do país estava descontente com o conflito entre Mussolini e a Vaticano*” (MELLO, 1994, p.38). No terceiro aniversário do Tratado de Latrão, Mussolini, em uma visita ao papa, concordou ser vital a colaboração do Estado com a Igreja, o que fez que as organizações da Ação Católica voltassem a funcionar e a situação com a Itália estabilizou-se.

A situação da Igreja ficava cada vez mais delicada na Alemanha. O cristianismo incomodava os líderes do III Reich — constituído quando Hitler chega ao poder em 1933. Estes não queriam eliminá-lo, mas substituí-lo, pois Hitler afirmou diversas vezes que sua causa era a causa de Deus, usando uma frase que foi dita por Pacelli, quando este apresentou suas credenciais ao Estado alemão como primeiro diplomata a se apresentar ao governo de Weimar, em 30 de junho de 1920: “*prometo que devotarei toda minha força a cultivar e fortalecer as relações entre a Santa Sé e a Alemanha*” (CORNWELL, 2000, p.98). Entretanto, a doutrinação nacional-socialista e o culto à raça tornaram-se mais expressivos e as primeiras ameaças ao clero, que combatia



o nazismo, apresentavam-se cada vez mais intensas e explícitas e, finalmente, quando Hitler se viu consolidado no poder, começaram abertamente as perseguições à Igreja: muitos padres foram presos, escolas foram laicizadas e religiosos acusados de tráfico de letras de câmbio, de imoralidade ou de exportação de capitais — acusados de utilizar dinheiro do governo alemão em função da Igreja.

Em janeiro de 1934, esquadrões de assaltos nazistas, com a condescendência do governo da Baviera, atacam a tiros o palácio episcopal de Munique. Em fevereiro, decretos do Santo Ofício condenam os teóricos nazistas Rosenberg e Bergman, como propagandistas do mito da raça e defensores da esterilização humana e da eutanásia. Em março, é difundido em toda Alemanha um catecismo, de 25 “dogmas”, de uma nova religião que deveria ser a do novo Estado nacional-socialista, em que o “panteísmo científico” é recheado com (*como ou com?*) ritos inspirados na tendência de Hitler à magia e ocultismo (MELLO, 1994, p.39).

Todavia, a vontade do novo chanceler alemão era formar uma igreja nacional alemã. Hitler propôs isto ao bispo sufragâneo de Augsburg, Fran Xavier Eberle, em uma reunião especial na Chancelaria, em que o convidou para ser o líder de uma igreja nacional, pois eram conhecidas por Hitler as idéias socialistas do bispo, também conhecidas pelo Vaticano, e por isto não fora nomeado arcebispo de Munique em lugar do cardeal Faulhader.

O bispo advertiu Hitler que no governo de Bismark se tentou formar uma igreja nacional alemã, que falhou. Dessa forma, Hitler também não obteria sucesso, e acrescentou: “*Se acredita no Todo-poderoso, não pode desafiar a divina revelação. O plano de uma igreja nacional está em contradição direta com a missão, führer*” (MELLO, 1994, p.48).

As normas contidas na concordata redigida em 1933 (de assegurar a vida e o direito dos católicos na Alemanha, que já haviam abdicado de alguns de seus direitos em prol da mesma) seguiram as condições imposta por Hitler, entre elas: que os católicos se afastassem voluntariamente da ação social e política como católicos, perdendo assim grande parte de seu poder, para que a concordata fosse assinada. Diante desse desrespeito, Pio XI declarou ser o comunismo “intrinsecamente perverso”, bem como todas as formas de regimes totalitários e de nacionalismo extremado, e ordenou que fosse redigida, no ano de 1937, duas encíclicas, em que condenou as atuações dos governos totalitários — em uma condenou o nazismo e na outra o comunismo. Essa encíclica foi redigida por seu secretário de Estado, cardeal Pacelli, ao qual o papa Pio XI fez a seguinte menção: “*Agradeçam e ele — Pacelli. Foi ele que fez tudo. Aliás é ele que faz tudo. É preciso que ele cresça e que nós diminuamos*” (MELLO, 1994, p.48).

Na encíclica, intitulada *Mit Brennender Sorge*, Pio XI enumera as violações da concordata pelos regimes nacional-socialista e diz: ‘A lição dos fatos mostra claramente onde emana a responsabilidade. Revela a existência de maquinações cujo único alvo, desde o início, era nada menos que uma guerra de extermínio. Nos sulcos do arado onde procuramos semear uma paz honesta, outros, à semelhança do *inimicus homo* de que falam as *Escrituras*, semearam as sementes da



desconfiança, do desassossego, do assalto, do ódio, da oculta e declarada inimizade a Cristo e à sua Igreja, inimizade nutrida por mil veias e não importa por quais processos'. Relembra a doutrina da Igreja sobre a fé, o pecado original e a graça, contra os quais se insurgem os pregadores de um neopaganismo nórdico (MELLO, 1994, p.49).

A situação agravou-se com o aumento da propaganda anti-judaica feita pelos governos da Itália e da Alemanha. Na Itália, ministros, diplomatas, altos funcionários e militares foram afastados de seus cargos por serem judeus. Os judeus foram banidos também da imprensa, da direção da indústria editorial e dos negócios. Pio XI procurou seu secretário de Estado para se aconselhar, desejou condenar o regime fascista, tal qual fizera com o nazista, por causa de suas atitudes racistas, entretanto Pacelli o advertiu que na Alemanha se havia intensificado a perseguição à Igreja após a publicação da encíclica que condenava o nazismo e suas atitudes anti-semitas e de perseguições a deficientes físicos e mentais, entre outras e também o alertou, pois

Hitler quase nada tem a temer a Igreja, o que não acontece com o Duce, que governa um país católico. A influência do Vaticano poderá servir de freio para Mussolini e o governo italiano é o veículo mais eficaz da diplomacia da Santa Sé em benefício de outros povos cristãos [...] o cardeal sugere que os judeus perseguidos pelo fascismo sejam abrigados no Vaticano. Serão os judeus do papa (MELLO, 1994, p.54).

No final de 1938, a saúde do papa Pio XI complicou-se, vindo este a falecer no ano seguinte, no dia 2 de fevereiro. Logo depois de cumprida a cerimônia de sepultamento, ritual que advinha desde a Idade Média, iniciaram-se os preparativos para a eleição do novo papa que ocuparia o trono de Pedro.

Diante dos comentários que surgiram sobre os *papabili*, os com maior possibilidade de serem eleitos<sup>5</sup>, o nome do cardeal Pacelli era muito forte, considerando-se principalmente a afirmação que Pio XI fez ao cardeal Tardini não escondendo sua preferência por ter Pacelli como seu sucessor, como confirmam as duas passagens que seguem: “*Ele será um belo papa. Será um papa magnífico. Sua hora virá e é para prepará-lo para minha sucessão que o envio pelo mundo*”, referindo-se às várias viagens que Pacelli fizera — como representante do Vaticano no Congresso Eucarístico de 1934, na América Latina— como representante do papa e, em seu último consistório para criação de novos cardeais, Pio XI recomendou veladamente Pacelli para sua sucessão ao proferir a frase “*medius vestrum stetit quem vos nescitis*”<sup>6</sup>.

A eleição iniciou-se em 2 de março, com uma grande multidão que aguardou na praça de São Pedro, atenciosa, o resultado que sairia pela chaminé, por onde sai a fumaça da queima das cédulas de votação. A fumaça preta indica que nenhum cardeal

<sup>5</sup> Um papa não tem necessariamente de ser escolhido dentre os cardeais. Um simples padre pode ser eleito, caso em que será logo a seguir sagrado como bispo de Roma. Na história da Igreja, 27 monges beneditinos, cinco frades franciscanos e quatro dominicanos foram eleitos papas, entretanto, a dignidade cardinalícia é atribuída aos prelados que mais se destacam por sua cultura, inteligência, piedade e capacidade de administração, o que lhes dá o maior título para serem eleitos papas (MELLO, 1994, p.56).

<sup>6</sup> “Em nosso meio está alguém que não conheceis” (MELLO, 1994, p.56-57).

havia sido eleito, e a votação repetir-se-ia. A fumaça saiu por duas vezes preta. Mesmo tendo sido eleito na segunda votação com 48 votos, maioria absoluta, Pacelli solicitou um terceiro escrutínio. Finalmente, na terceira votação, às dezesseis horas, a fumaça branca aparece no céu da praça de São Pedro, confirmando a eleição de Eugenio Pacelli como novo pontífice e este adotou o nome de Pio, papa XII. No dia 12 de março do ano pontifício de 1939, foi coroado o novo papa (LENN & REARDON, 1954, p.12). Tendo assumido o nome de seu antecessor, Eugenio Pacelli, papa Pio XII, deixou claro seu posicionamento em relação à diplomacia do Vaticano, ou seja, a mesma linha de imparcialidade, não necessariamente de neutralidade, do pontificado de Pio XI, pois este já estava sob sua responsabilidade.

O primeiro ano de seu pontificado é também o primeiro ano da Segunda Guerra Mundial, que se iniciou dia 1º de setembro de 1939, quando as tropas de Hitler invadiram a Polônia. Mesmo antes do início da guerra, o papa previu os resultados desastrosos que os regimes totalitários e os crescentes nacionalismos causaram no mundo: “*o perigo é iminente, mas ainda é tempo. Nada poderá ser perdido por meio da paz, mas tudo pode ser perdido por meio da guerra*” (Apud LENN & REARDON, 1954, p.117). No mesmo ano, em 20 de outubro, se tornou conhecida a encíclica *Summi Pontificatus*, na qual condenou toda espécie de totalitarismo e afirmou que o terrível desastre da guerra era fruto dos amargos erros e movimentos anticristãos, derivados do agnosticismo religioso e moral, e do afastamento da fé:

Enfraquecida a fé em Deus e em Jesus Cristo, ofuscada nos ânimos a luz dos princípios morais, fica a descoberto o único e insubstituível alicerce daquela estabilidade e tranqüilidade, daquela ordem externa, e interna, privada e pública, única que pode gerar e salvaguardar a prosperidade do Estado (IGREJA CATOLICA, 1998, p.23).

Durante a guerra, o papa refugiou-se na residência papal em Castel Gandolfo, pois nem o Vaticano ficou livre dos ataques — sofreu o ataque de duas bombas, das quais nenhum dos lados beligerantes assumiu a autoria. Em todo período em que se desenvolveu a guerra, o papa afirmou-se em uma postura de total imparcialidade, mostrando-se sempre preocupado com as vítimas, independentemente do lado a que elas pertenciam. Formou várias organizações de ajuda, tais como as *Patrulhas da Caridade* e os *Mensageiros do Papa*, que levavam cuidados médicos e alimentos aos necessitados. A esse propósito, a *Comissão Pontifícia de Assistência aos Refugiados* foi reconhecida pelo grande trabalho de auxílio aos necessitados da guerra: “*onde quer que fosse, organizações da Igreja entram em ação*” (LENN & REARDON, 1954, p.120). Além dessas organizações, o pontífice também ofereceu asilo dentro das muralhas do Vaticano, como também em Castel Gandolfo, a muitos perseguidos dos regimes totalitários, que, em sua maioria, eram judeus, liberais, democratas e muitos outros.

Pio XII, durante toda guerra, manteve uma correspondência ativa com o presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, em busca da formulação de uma paz apoiada na justiça. Foi nomeado pelos Estados Unidos um representante, Sr. Myron Taylor, para atuar junto ao Vaticano, pois este era um território neutro que buscou, durante o conflito, a paz entre as nações beligerantes e os homens que a essas nações pertenciam.

Na *Radiomensagem de Natal* de 1941, o papa Pio XII explanou sobre os pressupostos de uma paz justa e duradoura para se atingir uma nova ordem internacional:

Nada de agressão contra a liberdade e vida das nações mais pequenas: no campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, não há lugar para a lesão da liberdade, da integridade e da segurança das outras Nações, [...] liberdade no campo político, à guarda eficaz, nas contendas dos Estados, daquela neutralidade que lhes compete segundo direito natural e das gentes, à tutela do seu livre desenvolvimento econômico.

Nem opressão das minorias étnicas e das suas peculiaridades culturais: no campo de uma ordem fundada sobre os princípios morais, não há lugar para opressão manifesta ou súbdola das peculiaridades culturais ou lingüísticas das minorias nacionais, para o impedimento ou contração das suas possibilidades econômicas, para a limitação ou abolição da sua natural fecundidade.

Nem açambarcamento injusto das riquezas naturais por parte de algumas nações com prejuízo das outras: no campo de uma nova ordem fundada sobre os princípios morais, não há lugar para acanhados cálculos egoísticos, tendentes a açambarcar as fontes econômicas e as matérias de uso comum, de modo que as Nações menos favorecidas pela natureza fiquem delas destituídas.

Nem corrida aos armamentos nem violação dos tratados: no campo de uma nova ordem fundada sobre os princípios morais, uma vez eliminados os focos mais perigosos de conflito armado, não há lugar para uma guerra total, nem para uma corrida desenfreada aos armamentos [...] é necessário que com seriedade e lealdade se proceda a uma limitação progressiva e adequada dos armamentos.

Nem perseguição da religião e da Igreja: no campo de uma nova ordem fundada sobre princípios morais, não há lugar para a perseguição da religião e da Igreja [...] a fé não é só uma virtude, mas porta divina por onde entram no templo da alma todas as virtudes e se forma aquele caráter forte e constante que não vacila nas lutas da razão e da justiça [...] a incredulidade, que se revolta contra Deus, ordenador do universo, é a mais perigosa inimiga de uma justa ordem nova (PIO XII, papa, 1951, p.12-14, grifos meus).

Sendo, até então, a Igreja uma instituição que não tinha muita simpatia pela democracia, descobriu que regimes totalitários e nacionalismo exacerbado também não eram bons, e foi o papa Pio XII que primeiro introduziu em seu discurso a palavra democracia, vista como uma forma de governo mais justa, aceitando-a, pois os regimes totalitários, que eram mais simpáticos aos olhos da Igreja antes da guerra, tinham corrompido e destruído a sociedade européia.

Os povos [...] tomaram diante do Estado e dos governos uma nova atitude, interrogativa, crítica, desconfiada. Ensinados por uma experiência amarga, opõem-se com maior violência aos monopólios de um poder ditatorial, indevassável, e requerem um sistema de

governo mais compatível com a dignidade e a liberdade (PIO XII, Papa, 1951, p.5).

Na *Radiomensagem do Natal* de 1944, o papa discursou sobre a democracia como sendo a mais justa forma de governo que poderia haver e que também “*a Igreja não reprovava nenhuma das diversas formas de governo, desde que sejam aptas a proporcionar o bem estar dos cidadãos*”, palavras proferidas por Leão XII na Encíclica *Libertas*. Sobre a democracia e a Igreja, o papa explanou:

Nós dirigimos a nossa atenção ao problema da democracia, para examinar as normas por que deve ser regulamentada a fim de poder chamar-se uma verdadeira e sã democracia, condizente às circunstâncias da hora atual — isto indica claramente que o cuidado e solicitude da Igreja se volta não tanto para o exterior (as quais dependem das aspirações próprias de cada povo), quanto para os homens com tal que, longe de ser o objeto e um elemento passivo da vida social, é ao contrário, e deve ser e permanecê-lo, o seu sujeito, o fundamento e o fim (PIO XII, Papa, 1951, p.6).

Pio XII ainda se referiu às “*qualidades próprias dos cidadãos que vivem em regime democrático*”, que deveriam ser conscientes de possuírem igualdade de direitos, inclusive de defesa e de expressarem opiniões próprias pessoais e quanto melhor conseguir exprimi-las e respeitá-las, melhor seria para o bem comum da própria democracia. Trata também das “*qualidades próprias dos governantes nas democracias*”, pois estes estariam investidos do poder de mandar, entretanto com uma autoridade verdadeira e efetiva.

A mesma ordem suprema dos seres e dos fins — que mostra o homem como pessoa autônoma, quer dizer como sujeito de deveres e direitos invioláveis, raiz e termo de sua vida social — abraça também o Estado como sociedade necessária, revestida de autoridade, sem a qual não poderia existir nem viver. E se os homens, prevalecendo-se da liberdade pessoal, negassem toda dependência de uma autoridade superior dotada do direito de coação, abalariam com isso o fundamento da própria dignidade e liberdade, ou seja, aquela ordem suprema dos seres e dos fins (PIO XII, Papa, 1951, p.9).

Ao fim da guerra, Pio XII temia que as nações libertadas — como a França após o recuo dos Alemães — viessem a cair na anarquia revolucionária. O general francês, Charles de Gaulle, em uma visita a Pio XII, assegurou-lhe que resistira à revolução, revelando posteriormente sua conversa com o papa:

O santo padre me recebeu. Na benevolência da acolhida e na simplicidade do propósito, fico impressionado com o que seu pensamento tem de sensível e poderoso. Pio XII julga cada coisa de um ângulo que está acima dos homens, de seus empreendimentos e de suas querelas. Mas sabe quanto estas lhes custam e sofre com todos em conjunto. Sente-se que o cargo sobrenatural de que só ele está investido pesa sobre sua alma, mas o suporta, sem que nada o canse, certo de seu objetivo, seguro em seu caminho. Suas reflexões

e suas informações sobre o drama que transtorna o universo não o deixam ignorar nada. Seu pensamento lúcido está fixo na consequência: o desencadeamento das ideologias confusas do comunismo e do nacionalismo sobre uma grande parte da Terra. Sua inspiração lhe revela que só poderão sobrepujá-lo a fé, a esperança e a caridade cristã, mesmo quando estas fiquem por toda parte e por muito tempo submersas. Para ele, portanto, tudo depende da política da Igreja, de sua ação, de sua linguagem, da maneira com ela é conduzida... Através do respeito que me inspira, esse pontífice e soberano se me afigura piedoso, compadecido e político no sentido mais elevado de que esses termos se possam revestir (MELLO, 1994, p.129).

Com o fim da guerra em agosto de 1945, o papa iniciou uma campanha em prol de uma paz justa e duradoura, baseada no direito e na justiça. A caridade era a maior aliada para a reconstrução das nações destruídas. Sua atuação sempre foi em busca da paz e do respeito mútuo entre os homens e entre as nações.

Em fevereiro de 1946, o papa nomeou cardeais para o Sacro Colégio de Cardeais, atividade que havia ficado suspensa devido à guerra e apresentava grande defasagem, pois dos setenta cargos apenas trinta e oito estavam ocupados. Convocou eleição para trinta e dois cargos de Príncipe da Igreja de Cristo, a qual se deu no dia 22 de fevereiro de 1946. Nesta mesma cerimônia, foram canonizados quatro santos. “*As cerimônias especiais diferem sensivelmente entre si. Cada qual tem seu ritual próprio, a sua liturgia; cada ato e cada palavra eloqüente tem uma significação própria*” (LENN & REARDON 1994, p.129).

No ano pontifício de 1950, em 1º de novembro, Pio XII proclama o dogma da Assunção de Maria na presença de oitocentos bispos que se reuniram na Basílica de São Pedro. A partir de 1953, sua saúde, que era fraca, com as tensões de seu pontificado, tornou-se mais debilitada, piora e o papa passa períodos na cama. Neste mesmo ano, o papa convocou outro consistório para eleição de mais vinte e quatro cardeais, para novamente completar o número de membros do Sacro Colégio. O papa sempre concedeu audiências às pessoas, grupos de jovens, operários, demonstrando muita preocupação com a sociedade e a forma como os homens viviam nela. Com sua saúde muito debilitada e agravada, Pio XII faleceu no dia 9 de outubro de 1958.

### Referências

- CORNWELL, John. *O Papa de Hitler – a história secreta de Pio XII*. Rio de Janeiro: Imago, 2000.
- FERNESOLE, Pierre. *Pio XII e a educação da juventude*. São Paulo: Paulinas, 1963.
- IGREJA CATÓLICA, *Documentos de Pio XII*. São Paulo: Paulus, 1998.
- KOHEN, M. *Pio XII*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1940.
- LENN, Lottie H. & REARDON, Mary A. *Pio XII baluarte da paz*. São Paulo: Melhoramentos, 1954.
- LOMBARDI, R. *Pio XII por um mundo melhor*. Petrópolis-RJ: Vozes, 1956.

MELO, Carlos Veloso de. *Pio XII*. (1876-1958). Rio de Janeiro: Três, 1994.

PIO XII, papa. *Radiomensagem do Natal de 1941: bases da ordem nova*. Petrópolis: Vozes, 1951. (Documentos Pontifícios, 66).

\_\_\_\_\_. *Radiomensagem do Natal de 1944: sobre a democracia*. Petrópolis: Vozes, 1951. (Documentos Pontifícios, 69).